

Celso Furtado contra a recessão

por Pedro Cafardo
de São Paulo

A única fórmula para evitar o desemprego e a crise social ampla é evitar a recessão. A frase, de Celso Furtado, dita ontem durante os debates após a sua palestra no seminário "Alternativas para a Crise", sintetiza a proposta do economista e professor da Universidade de Paris sobre os instrumentos que poderiam ser utilizados, a curto prazo, pelos formuladores da política econômica brasileira.

"Os que imaginam que a inflação é um fenômeno essencialmente monetário dão por certo que ela pode ser corrigida a curto prazo, ou seja, sem modificações de monta na estrutura do sistema. De alguma forma isso é verdade, mas implica ignorar as consequências a mais longo prazo da política anti-inflacionária. Recupera-se o equilíbrio mediante a subutilização da capacidade produtiva com um custo social considerável e nada assegura que, retomada a expansão, manter-se-á o equilíbrio."

O instrumento da recessão para combater a inflação, afirmou o economista, somente foi aceito recentemente pelas economias modernas, que só se atreveram a utilizá-lo depois de se organizarem para evitar os efeitos desastrosos de sua aplicação. "Na verdade, completou, o Brasil é um país que avança muito rapidamente em setores que interessam a grupos e muito lentamente em setores que interessam a todos." A recessão, portanto, explicou, seria um instrumento muito sofisticado e avançado, mas inadequado, porque representa um custo social muito grande para economias sem qualquer tipo de proteção, como o auxílio-desemprego, por exemplo. "Ou seja, avançamos apenas no que diz respeito a esse instrumento sofisticado, que interessa a grupos."

EMPREGO

A palestra do professor Furtado, um relato de doze páginas, pela sua preocupação explícita com os aspectos sociais, acabou por abrir espaço ao debate do tema que mais preocupa a comunidade, o emprego. Estavam presentes, como debatedores, o professor Roberto Macedo, da Escola de Economia da USP, e o empresário Paulo Francini, diretor da Rádio Frigor e da FIESP. Macedo afirmou que o governo não está levando a sério a questão do desemprego e continua a ver o problema sob a ótica de que ele ainda é localizado.

As intervenções de Macedo arrancaram gargalhadas da platéia de mais de 400 pessoas, principalmente quando ele se referiu à postura das autoridades sobre o desemprego. "Recessão, segundo um certo economista", disse, "é quando o seu vizinho está desempregado. Depressão é quando você está desempregado. Será que teremos de esperar o governo ficar desempregado para que ele enxergue o problema?"

Ele propôs a criação do auxílio-desemprego e antecipou a reação do ministro Delfim Netto à sugestão: "Não há recursos, o que você quer? Que eu empregue todo esse pessoal em meu sítio de Jundiaí?" Não procede, porém, segundo Macedo, o argumento da falta de recursos, que poderiam vir, por exemplo, de uma taxação sobre o sistema financeiro. "É preciso que o leão (da Receita Federal) deixe de trabalhar na TV e vá procurar carne onde existe", gracejou o economista.

Falta ao governo, ainda segundo Macedo, seriedade para enfrentar o problema, pelo menos com a adoção de mecanismos de emergência, até mesmo utilizando mecanismos já existentes. O salário-família, por exemplo, não é pago a pessoas desempregadas, o que, para Macedo, é um verdadeiro absurdo.

Por coerência, ao rejeitar a terapia recessiva, o professor Furtado teria de sugerir uma solução para a questão das contas externas. A curto prazo, propôs, "o que se deve ter em vista é frear o processo de endividamento e renegociar as condições do serviço da dívida, reduzindo o seu peso no futuro imediato". Esses objetivos, pelo raciocínio do economista, podem ser alcançados sem submissão a uma tutela externa.

A renegociação proposta por Furtado não envolve apenas o acerto com os banqueiros internacionais, mas, como afirmou, "envolve planos mais altos". O caso brasileiro poderia ser, acrescentou, exemplar para abordar o problema dos países do Terceiro Mundo, altamente deficitários. Ele imaginaria, por exemplo, a necessidade da discussão do



Celso Furtado

problema em planos como o da conferência de Cancún, que se realizará em outubro, no México, com a presença de chefes de Estado.

Segundo Furtado, impõe-se a necessidade de definir objetivos a médio e longo prazos. "Contudo, na situa-

ção de relativo desgoverno em que se encontra presentemente a economia brasileira, a percepção dos fins está obliterada pelas fricções internas do sistema. Mas, se pretendemos sair dessa situação, devemos enfrentar a difícil tarefa de reparar a nave ao mesmo tempo que lhe retificamos a rota."

Ele definiu alguns pontos da rota que propõe: elevar a taxa de poupança disponível para o investimento reprodutivo, porque, na situação atual, "o nível de investimento necessário para que a economia não deslize para a recessão somente pode ser mantido mediante inflação e endividamento externo". Segundo Furtado, o atual modelo esteriliza parcialmente importante da poupança, privilegiando o investimento em bens duráveis de consumo, inclusive habitações de luxo.